



28º Relatório - 2º Semestre 2017

Versões/Versions: Português/English

VERSÃO PORTUGUÊS

Caros amigos,

O ano de 2017 foi possivelmente o mais atípico em termos de condições climáticas que nós já testemunhámos desde o início do projecto. Uma seca muito severa causada por escassez de chuvas entre Janeiro e Março deu lugar a uma época de cacimbo extremamente prolongada e aguda mas a que por sua vez se seguiu uma época chuvosa algo precoce e com chuvadas intensas a partir de Setembro.

Para a Cangandala tenho notícias tristes a reporter: O Ivan o Terrível faleceu a 10 de Julho de 2017, dentro do santuário. A morte dum velho guerreiro que viveu uma vida cheia de peripécias. Aqui uma sinopse da sua biografia: Um intimidante macho, bem robusto e musculado e com cicatrizes de batalhas, com 8 anos de idade quando o encontrámos pela primeira vez no Luando em Julho de 2017; foi então imobilizado duas vezes, equipado com coleira transmissora, voou dentro dum helicóptero militar MI-17, e transportado na traseira duma carrinha para ser libertado dentro do santuário da Cangandala; uma semana após soltura matou um jovem inocente macho de 2 anos trespassando-o várias vezes, e logo depois rebentou a vedação do santuário e escapou; estabeleceu o seu novo território na Cangandala fora do santuário e mostrou pouco interesse em juntar-se a outras palancas – os dotes sociais não eram o seu forte; revelou-se esquivo como um fantasma, nunca permitindo aproximação no terreno, e eventualmente acabou por destruir a sua coleira de transmissão; em Maio de 2012 ele lutou com o macho patriarca Duarte através da vedação, deixando este último num estado lamentável, gravemente ferido e humilhado; mas mesmo depois de derrotar o macho dominante o Ivan não tomou os despojos de guerra pois aparentemente ignorou as fêmeas desacompanhadas; em Março de 2013 ele voltou a desafiar o velho macho, que tinha levado muitos meses para recuperar, e mais uma vez se sucedeu uma terrível luta mas desta vez foi demais para o mais velho que nunca mais foi visto – certamente o Ivan acabou com ele; em Agosto de 2013 voámos várias horas com helicóptero sobre o território do Ivan na esperança de o recapturar mas nem sequer obtivemos um vislumbre; Antes do final do mesmo ano ele foi vítima duma armadilha de laço que por pouco não lhe custou a vida – foi apanhado na canela dianteira esquerda e deve ter passado por enorme sofrimento; ao longo de 2014 ele foi uma sombra do antigo Ivan, escanzelado e coxo, perdeu a sua coloração negra brilhante e o seu atrevimento; pelo final de 2014 contudo ele pareceu ter recuperado uma condição física relativamente aceitável, mas então desapareceu misteriosamente por mais de um ano – não temos qualquer ideia onde foi e na altura receámos pela sua sobrevivência; ele reapareceu no início de 2016, agora aparentemente totalmente recuperado, e então empenhou-se numa série de escaramuças através da vedação com o macho Mercúrio; em Julho de 2016 foi recapturado a partir de helicóptero e foi novamente libertado desta feita com uma coleira de GPS; em Março de 2017 protagonizou uma terrível batalha mais uma vez através da vedação, e em resultado desta acabou por se deslocar para dentro do santuário – após seis anos de liberdade e aventura na Cangandala, decidiu regressar ao cativeiro, onde finalmente morreu. R.I.P Ivan!

A sua morte aparenta ter sido natural e pacífica, muito embora suspeitemos que possa ter sido causada pela luta que tinha resultado no seu regresso ao santuário em Março. Com a respeitável idade de 14 anos e após ter aguentado tantas batalhas e situações de risco de vida, já deveria ter assentado, mas suponho que isso teria sido uma decisão contra a sua natureza: uma vida no fio da navalha e sempre no limite... nesse sentido apenas é de surpreender que tenha vivido tantos anos! A nossa suspeita inicial foi a de que a última luta tinha sido com o Mercúrio, mas depois concluímos que muito provavelmente foi o irmão mais novo deste último, Eolo, de 5 anos de idade, quem finalmente derrotou o Ivan, pois ele estava estabelecido num território que incluía a arena da batalha. Pode-se falar aqui de justiça poética, uma vez que o Eolo terá vingado a morte do seu velho pai Duarte, que terá ocorrido quando ele tinha apenas 1 ano de idade. O Eolo conseguiu completar uma tarefa em que os seus dois irmãos mais velhos falharam – sabemos que o Mercúrio manteve alguns encontros com o Ivan mas que nunca foram muito sérios, provavelmente porque o Mercúrio foi demasiado esperto (ou covarde?) para forçar a barra; e o Apolo há muito desapareceu sem deixar rasto, muito possivelmente terá sido morto pelo Ivan.

Antes de resgatarmos o crânio do Ivan ainda colocámos uma câmara oculta, e a ausência de necrófagos especialistas ficou mais uma vez evidente, quando apenas facocheros visitaram o local para provar alguma carne putrefacta e roer os ossos.

A reprodução dentro do santuário está a decorrer de forma excepcional e a população tem vindo a aumentar de forma sustentada. Temos agora seguramente mais de 60 animais puros e com uma estrutura etária muito saudável – por estes dias, crias e jovens constituem a maioria das palancas negras gigantes na Cangandala. Uma avaria na bomba de água forçou-nos a fornecer água manualmente em bacias durante parte da época do cacimbo, mas os animais rapidamente se adaptaram à mudança e foram frequentemente observados em grandes concentrações para beber. O Mercúrio assumiu a sua posição de liderança, e decididamente herdou do seu pai Duarte os modos gentis, tolerância e serenidade, o que exerce uma influência relaxante sobre as fêmeas e se torna bastante conveniente para nós ao permitir uma aproximação a curta distância. Desta forma conseguimos muitas e boas observações do grupo.

Numa ocasião testemunhámos uma pequena escaramuça entre o Mercúrio e o Eolo, quando o primeiro fez uma incursão adentro do território do segundo. Não durou muito e não teve consequências, pois os animais pareciam estar mais a medir a força mútua e rapidamente dispersaram quando tentámos uma maior aproximação, mas mesmo assim obtivemos algumas poucas fotos de má qualidade. O Eolo é mais esquivo e nervoso que o Mercúrio, mas promete em breve tornar-se num exemplar excepcional; ele é ainda mais leve, mais longilíneo e com muito menos massa muscular comparado com o Mercúrio, mas é um animal lindíssimo e os seus cornos são estupendos e bem maiores e com uma curvatura mais elegante que os do Mercúrio. Os cornos do Eolo mediram 49 polegadas quando foi marcado em 2016, mas estarão agora com comprimento bem acima das 50 polegadas. Conseguimos aproximar-nos dele numa ocasião e obtivemos boas fotos enquanto ele se banquetava com as folhas espécie favorita “kinzole” *Diplorhynchus condylocarpon*.

No Luando as palancas estão a ser seguidas de forma remota, e os dados ajudam-nos a manter uma monitorização diária através de comunicações de satélite com os pastores. Investimos através de formação em capacitar alguns deles no uso de novas tecnologias. Basicamente foi-lhes fornecido um telefone satélite Thuraya e foram treinados no uso de mapas e GPS. O equipamento é carregado com auxílio de painéis solares e baterias portáteis, e o sistema tem funcionado muito bem. Mantemos assim comunicações regulares e um alerta é emitido sempre que detectamos padrões de movimentos anormais a partir dos dados remotos transmitidos pelas coleiras GPS. Isto tem-nos permitido investigar rapidamente eventos suspeitos, e pelo menos numa ocasião levou a uma interceptação de caçadores furtivos e apreensão de uma caçadeira.

Uma fêmea recentemente morta, a Samra, foi localizada logo após a sua morte e todas as evidências apontam para ser resultado dum acto de caça furtiva. Analisando os dados remotos pudemos observar que ela tinha parado subitamente, e estranhamente a coleira deixou de transmitir 24 horas depois – seria uma estranha coincidência se a coleira avariasse quase ao mesmo tempo da morte do animal. Quando realizámos o nosso CSI no terreno verificámos que tudo estava no lugar mas a coleira tinha desaparecido! Não havia sinais de armadilha uma vez que as patas estavam em perfeitas condições, e o animal também parecia saudável antes do incidente. Assim concluímos, apesar de que as feridas não eram óbvias, que muito provavelmente teria sido abatida a tiro; então os caçadores terão apenas encontrado a carcaça no dia seguinte e decidiram abandonar o local (porque a carne estava já em putrefacção, ou porque recearam ser apanhados e acusados da morte duma palanca, não sabemos), mas não sem antes destruírem a coleira de GPS e livrando-se dela para não deixar rasto. Sobe assim para dois o número de palancas marcadas que foram caçadas em 2017. Por outro lado o CSI que realizámos com a velha fêmea Jinga, levou-nos a concluir que deverá ter morrido de causas naturais, provavelmente doença, pois já estava em más condições físicas por alturas da sua morte, e mesmo no ano anterior já tinha evidenciado sinais de doença.

Com mais duas coleiras que deixaram de transmitir, possivelmente devido a avaria ou falha das baterias, acabámos 2017 com 10 coleiras GPS activas, o que não é de todo um mau resultado. Estas permitem-nos ainda manter quatro manadas sob monitorização apertada. Uma constatação interessante a partir dos dados remotos foi observar como as manadas modificaram o seu comportamento em resposta à seca severa que afectou este ano o Luando. À medida que todas as charcas secaram completamente logo no início do cacimbo, a maior parte das manadas deslocaram as suas áreas de uso para junto de rios ou cursos de água permanente, com a excepção de uma manada que, tanto quanto nós nos pudemos aperceber, não teve qualquer acesso a água durante o cacimbo. A secagem completa das charcas deve ter elevado bastante o nível de stress para os animais e foi também uma desilusão para nós, pois tínhamos antecipadamente investido no mapeamento completo de todos os pontos de abeberamento e tínhamos planeado uma operação de segurança apertada em todos estes hotspots para o cacimbo de 2017. Baseados na nossa experiência anterior, estas charcas são claramente os locais mais perigosos para as palancas jovens, onde frequentemente são vítimas de armadilhas, e desta vez quando estávamos finalmente preparados para agir e ter impacto as condições climáticas mudaram as regras do jogo. Os animais movimentando-se para junto dos rios pode reduzir o seu risco de caírem em

armadilhas, mas por outro lado obriga-os a explorar novas áreas em habitats sub-óptimos e onde existem bastantes mais chances de encontros indesejados com humanos, incluindo caçadores furtivos. Para mais, tornou muito mais difícil e menos eficiente as nossas patrulhas no terreno.

Ao observarm no terreno uma das manadas que tínhamos sob monitorização remota, os pastores localizaram duas palancas que se mantinham na periferia da manada e que eventualmente ficaram para trás quando esta se movimentou alguns quilómetros. Reportaram então que pelo menos um dos animais parecia ferido pois coxeava de forma evidente. Durante alguns dias em Agosto seguimos a manada e localizámos e fotografámos estes animais. Um deles revelou ser uma fêmea adulta já conhecida, a Helena – 8 anos de idade, que tinha sido marcada em 2013 com uma pata amputada causada por uma armadilha na sua juventude; e a outra tratava-se de um jovem macho de 1 ano e também coxeando em resultado duma lesão causada por armadilha. O facto da Helena ainda estar viva alguns anos depois apesar de contar apenas com três patas é notável, e pelo menos sugere que a predação natural sobre as palancas é provavelmente insignificante pois ela seria um alvo fácil. Por outro lado, deparar-nos com o jovem macho ferido foi chocante e mais um reforço para não esquecermos aquilo que enfretamos no Luando. Suspeitamos nque ele deve ter caído na armadilha ao tentar beber água numa charca no final da época chuvosa, antes da secagem das charcas e antes de termos podido implementar o nosso sistema de segurança em Julho. Mais uma vez uma demonstração das nossas anteriores conclusões, de que são os animais jovens de 1 e 2 anos os mais vulneráveis às armadilhas.

Outra baixa foi a do velho macho de um só corno que dronámos em 2016 quando ele dominava a nossa manada BO e notavelmente mantinha à distância dois super-machos, incluindo o Lucas de 59 polegadas de cornos. Numa patrulha de rotina os pastores depararam-se com o esqueleto do macho “cornudo”, mas não havia sinais sugerindo que possa ter sucedido algo suspeito, e os seus dentes estavam totalmente gastos, indicando que ele deveria já ser um macho muito velho, provavelmente acima de 14 anos de idade, e deve ter morrido de causas naturais.

Tornámos a voar o drone sobre duas manadas, desta feita no cacimbo, e muito embora fosse nossa intenção fazê-lo sobre todas as manadas durante a época reprodutora fomos forçados a abortar a missão devido chuvadas intensas e contínuas que tornaram impossível a penetração off-road na reserva bastante cedo em Outubro. De todas as formas obtivemos boas sequências de vídeo para uma das manadas em Agosto e foi bom constatar que esta aumentou de 21 para 26 animais num ano. Este resultado deveu-se sobretudo a uma taxa de recrutamento notável e sem mortalidade de juvenis – pelo menos este grupo não foi afectado por armadilhas.

Na sequência de eleições gerais em Setembro, um novo Presidente e Governo tomaram posse em Angola. Mudanças estão a ocorrer a diversos níveis, algumas sendo bastante promissoras para o futuro do nosso património natural, e uma comissão especial foi criada em Dezembro por decreto presidencial para a protecção da palanca negra gigante.

Fotos e uma curta sequência de vídeo podem ser acedidas através do seguinte link:

<https://photos.app.goo.gl/Ma1zh4QaZd1A1A2z1>

Cumprimentos,

Pedro

ENGLISH VERSION

Dear friends,

The year of 2017 was possibly the most atypical in terms of weather conditions that we have witnessed since the start of the project. A most severe draught caused by very little rainfall between January and March gave way to a prolonged and very stressful dry season, which in turn was followed by precocious heavy rains starting in September at full-throttle.

In Cangandala I have sad news to report: Ivan the Terrible passed away on July 10th 2017, inside the sanctuary. The death of an old warrior who lived a most eventful life. Here's a synopsis of his bio: An imposing bull, massively built and scarred from battles at age 8 when we first found him in Luando in July 2011; was then darted twice, collared, flown inside a military MI-17 chopper, taken for a ride on the back of a pick-up and released inside the sanctuary in Cangandala; within one week upon release he killed a young innocent 2 year-old bull stabbing him several times, and soon after broke through the sanctuary fence and escaped; established his new territory in Cangandala outside the fence and showed little interest in joining other sable – social skills weren't his strength; proved to be elusive as a ghost, never allowing approach from the ground, and eventually managed to break his radio collar; in May 2012 he fought the patriarch bull Duarte through the fence, leaving the latter in a pitiful state, badly injured and humiliated; but even after defeating the dominant bull Ivan didn't take the bounty and apparently ignored the unattended females; in March 2013 challenged again the old bull Duarte, who had taken many months to recover, and once more a terrible fight occurred across the sanctuary fence but this time it must have been too much for good ol' Duarte and he was never seen again – surely Ivan finished him off; in August 2013 we flew several hours with helicopter over his territory hoping to recapture him, but never got a glimpse; before the end of the same year he was victim of a snare trap that barely took his life – he was caught by the left front hock and must have endured immense suffering; throughout 2014 he was a shadow of the former Ivan, skinny and limping, he lost his jet-black coloration and his bravado; by end of 2014 however he seemed to have recovered to a relatively good condition, but then he mysteriously disappeared for over one year – we have no idea where did he go and at the time feared for his life; he resurfaced early in 2016, now apparently fully recovered, and then endured a couple skirmishes across the sanctuary fence with the bull Mercury; in July 2016 we darted him from helicopter and he was then released with a GPS collar; in March 2017 he went into a terrible battle again through the fence, and resulting from it he ended up moving into the sanctuary - after six years of freedom and adventure in Cangandala, he decided to return to captivity, where he finally died. R.I.P. Ivan!

His death appears to have been “natural” and peaceful, although we suspect that it may have been caused by the fight that resulted in his return to the sanctuary in March. At the respectful age of 14 and after having endured so many battles and life-threatening situations, he should have settled down, but I supposed that would have been against his nature: a life on the edge and always to the limit... in that

sense one has to wonder how he managed to live this long! Our first suspicion was that he had last fought Mercury, but we have now concluded that most likely it was the latter's younger sibling Eolo, age 5, who finally defeated Ivan, as he was established in a territory that includes the area where the battle took place. Poetic justice could be claimed as Eolo revenged the death of his father Duarte, which took place when he was just a few months old. Eolo succeeded in completing the task where his two older brothers have failed – we know that Mercury had a few encounters with Ivan but they never came to anything, likely because Mercury was too smart (or coward?) to push things further; and Apollo has long disappeared without a trace, very possibly killed by Ivan.

Before recovering Ivan's skull we placed a trap camera, and the absence of specialist scavengers in Cangandala became once again evident, when only warthogs visited the site to pick some rotten flesh and gnaw on the bones.

Sable breeding in the sanctuary is going exceptionally well and the population is steadily increasing. We have surely more than 60 pure animals at the moment and with a very healthy age structure – these days, calves and young make up for the majority of giant sables in Cangandala. A malfunctioning water pump forced us to manually supply water in basins during part of the dry season, but the animals soon adjusted to the change and were often observed congregating around water. Mercury has assumed his leading role, and inherited the gentle nature, tolerance and serenity from his father Duarte, which exerts a relaxing influencing over the females, and is most convenient in allowing us to approach the herd at close range. We therefore achieved plenty of good group observations.

On one occasion we witnessed a short skirmish between Mercury and Eolo, when the former made an incursion into the latter's territory. It didn't last long and had no consequences, as the animals seemed to be probing each other and dispersed when we tried to approach further, but I still got a few lousy photos. Eolo is more elusive and nervous than Mercury, but he promises to soon become an exceptional specimen: he is still lighter in weight, more elegant and with much less muscular built when compared to Mercury, but he is a beautiful animal and his horns are very impressive and quite larger and more handsomely arched than Mercury's. Eolo's horns were measured at 49 inches when he was collared in 2016, but he must now be well above 50 inches in length. We were able once to approach him and get some very nice photographs as he browsed on their favourite species "kinzole" *Diplorhynchus condylocarpon*.

In Luando the giant sables are being tracked remotely, and the data obtained are allowing us to keep a daily surveillance achieved via satellite communications with the shepherds. We have invested through training in capacitating some of them in the use of new technology. Basically they have been given a Thuraya satellite phone and have been trained in the use of maps and GPS. The equipment is charged with foldable solar panels and portable power banks, and the system is performing very well. We keep regular communications and a red flag is issued when abnormal movement patterns are detected from the remote data transmitted by the GPS collars. This has allowed us to investigate quickly suspicious

events, and at least once this led to poachers being intercepted and one shot gun apprehension. One freshly killed female, Samra, was located soon after her death and all evidence points to a poaching incident. Analysing the remote data we could see that she stopped moving suddenly, and strangely the collar ceased transmitting upon 24 hours – it would be a strange coincidence if the collar had a malfunction so soon after the animal's death. When we performed our CSI on the ground we realized that everything was in place but the collar was missing! There was no evidence of snaring as the legs were in perfect condition, and the animal also appeared in good physical shape prior to the incident. We concluded, even if the wounds weren't obvious, that she must have been shot; then the poachers only found the carcass one day later and decided to abandon the scene (was the meat too rotten, or were they afraid of being caught and accused of killing a giant sable, is anyone's guess) not before destroying the GPS collar and getting rid of it to avoid leaving traces. It makes it two the number of collared giant sable poached in 2017. On the other hand, our CSI performed to the old cow Jinga led us to believe that she died of natural causes, likely of disease, as she was in very poor condition when she died and even in the previous year she had shown signs of disease.

With two other collars ceasing transmission, possibly due to malfunction or batteries running flat, we ended up 2017 with still 10 active GPS collars, which is not bad at all. These allow us to still keep four of the herds under close permanent surveillance. An interesting finding from the remote data was observing how the herds changed their behaviour in response to the severe draught that affected Luando this year. As all the water holes dried up early in the season, most of the herds shifted their home ranges towards permanent rivers or water courses, with the exception of one herd which, to the best of our knowledge, had no access to water throughout the dry season. The complete drying up of water holes must have been stressful for the animals and was also disappointing for us, as we had previously invested in mapping them all and had planned a thorough cleaning operation and permanent security monitoring of these hotspots during the 2017 dry season. From our previous experience, these water holes are by far the most dangerous places for young sable, where they frequently fall victim of snares and foot traps, and this time when we were finally prepared to make an impact the climatic conditions changed the rules of the game. The animals moving towards river courses may reduce the risk of them getting into snares, but on the other hand it forced them to explore new areas of sub-optimal habitat and where there's a lot more chances of encountering people, including poachers. In addition it made it much harder and less efficient for us to patrol them on the ground.

While monitoring on the ground one of the herds that we kept under remote surveillance, the shepherds located two sables that tend to stay apart and eventually got behind when the herd moved a few km away. They reported that one of the animals appeared to be injured and had a severe limp. Over a few days in August we tracked down the herd and photographed these animals. One turned out to be a known adult female, Helena – age 8, which had been darted in 2013 with an amputated leg caused by a snare a few years earlier; and the other a yearling male also limping from a snare injury. The fact that Helena is still alive a few years later, even though three-legged is incredible, and if nothing else it suggests that natural predation on sable is likely insignificant as she would have been an easy target. On the other hand, coming across the yearling male with injured leg was shocking and another reminder of what we're facing in Luando. We suspect that he must have been caught while attempting to drink in

one of the water holes at the end of the rainy season, before they had dried up and before we had implemented the surveillance system in July. Once more providing further evidence to our previous findings, it's the yearling and 2yo animals the ones most vulnerable to snares.

Another casualty was the one-horned old bull that we droned in 2016 when he was dominating our herd BO and remarkably keeping at bay a couple of monster bulls, including the 59 incher Lucas. On a routine patrol the shepherds came across the skeleton of the one-horned bull, but there were no signs suggesting foul play, and his teeth were worn out, meaning that he must have been a very old bull, likely over 14 years old, and probably died of natural causes.

Once again we flew the drone over two herds, this time in the dry season, and while we intended to do it on all of the five groups during the breeding season we were forced to abort due to sustained heavy rains that made it impossible to drive off-road still early in October. In any case we got good footage of one herd in August, and we were happy to record that it had increased from 21 to 26 animals in one year. This result was mostly due to a remarkable recruitment rate and no mortality of yearlings – at least this group had not affected by snaring.

Following national elections in September, a new President and Government was appointed in Angola. Changes are happening at various levels, some being most promising for the future of our natural heritage, and a special commission was created in December by presidential decree for the protection of the giant sable.

Photos and short video sequence can be accessed via the following link:

<https://photos.app.goo.gl/Ma1zh4QaZd1A1A2z1>

Best wishes,

Pedro